

O QUE É MEU E O QUE É NOSSO: RELATO ETNOGRÁFICO SOBRE A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL NA ALDEIA AIHA, KALAPALO

Marina Pereira Novo
mapnovo@gmail.com
FAPESP
PPGAS/UFSCar
Doutoranda

Pretendo, nessa apresentação, tratar da circulação de objetos e riquezas entre os Kalapalo e a forma como as categorias *comunidade* e *patikula* são mobilizadas por eles em diferentes situações e com diferentes objetivos, tendo o evento Copa do Mundo como pano de fundo. A intenção é apresentar alguns apontamentos etnográficos sobre as possibilidades de trânsito entre uma espécie de “propriedade coletiva” (*as coisas da comunidade*) e a “propriedade particular” (*o meu patikula*).

Palavras-chave: Alto Xingu, Kalapalo, dádivas, economias indígenas.

INTRODUÇÃO

O que vou apresentar aqui hoje são algumas reflexões decorrentes da pesquisa de doutorado que venho desenvolvendo junto aos Kalapalo, povo de língua karib que vive na região do Alto Xingu (Mato Grosso/Brasil). Os Kalapalo estão divididos, atualmente, em 10 aldeias, mas minha pesquisa se concentra em Aiha, a maior delas, que possui atualmente cerca de 250 pessoas e se localiza na margem direita do Rio Culuene, um dos principais formadores do Rio Xingu, próxima à lagoa que dá nome à aldeia. Realizo atividades de pesquisa na região desde 2006 e minha pesquisa atual se chama “Dádivas e mercadorias: os Kalapalo e as políticas de transferência de renda”. As informações apresentadas aqui foram coletadas durante o período de abril a julho de 2014, e que engloba todo o momento de preparação da aldeia para a copa quanto o desenvolvimento de todo o evento.

Mas a copa em si e a relação dos Kalapalo com o futebol não são meus focos de análise aqui. O que pretendo discutir são algumas questões relacionadas à relação entre pessoas e coisas, partindo das categorias nativas de *coisas da comunidade* (*katutolo engü*) e *patikula*³⁰⁹ e a forma como ambos podem ser estrategicamente manipulados em diferentes situações. O papel da copa do mundo de futebol foi ter proporcionado diversos momentos em

³⁰⁹ Uma apropriação da palavra “particular”, existindo inclusive a categoria na forma possuída/relacional (*u-patikula-sü*, se referindo a algo possuído por um indivíduo).

que essas categorias foram mobilizadas. E se não é nenhuma novidade dizer que entre os povos amazônicos todas as coisas possuem um dono, um tema que já foi bastante tratado³¹⁰, cabe avaliar as especificidades que essa relação assume no contexto alto-xinguano e Kalapalo, mais especificamente, o que pretendo fazer aqui a partir de uma reflexão fundamentalmente etnográfica.

AS COISAS E SEUS DONOS

No Alto Xingu todas as coisas têm um dono e a própria palavra que se usa para falar de “coisa” é um termo possuído, *engü*, onde *-gü* ocupa a função de morfema relacional. A princípio poderíamos pensar que se trata de uma relação de propriedade, mas a questão toma outros contornos quando descobrimos, por exemplo, que as *coisas da comunidade* também possuem donos específicos. Como entender, então, essa relação entre as pessoas e as (suas) coisas?

Imagino que um bom começo para pensar nessa questão seja olhar para as formas como os Kalapalo empregam e traduzem as expressões *oto* e *intsü*, as formas principais de se referir aos *donos*. A primeira delas, *oto*, além de identificar a relação entre pessoas e coisas, é também utilizada para tratar da relação entre donos-espíritos (*itseke*) e espécies de plantas e animais, podendo ainda, ser utilizada como referência aos pais de uma pessoa. É uma palavra frequentemente traduzida como *dono* ou *responsável*. A segunda palavra, *intsü*, é comumente traduzida como “raiz”, podendo ser utilizada, por exemplo, para se referir às raízes das plantas, para tratar da relação entre avós e netos, pais e filhos, ou mesmo entre cônjuges e entre um cacique e sua aldeia. Tentando me explicar melhor do que se tratava, a explicação que um informante me deu é que “com *intsü* a gente fica firme”. Os dois conceitos não são, portanto, sinônimos, mas são ambos utilizados para tratar de diferentes perspectivas acerca da relação entre uma pessoa e “suas coisas”. No primeiro caso, *oto*, o que parece estar em questão são as relações entre pessoas (ou grupos), mediadas pela coisa, enquanto que no segundo caso, parece que a ênfase é dada à relação entre a coisa

³¹⁰ Veja, por exemplo, Fausto (2008).

possuída e seu possuidor, evocando mais a ideia de cuidados e de responsabilidade sobre a coisa do que efetivamente de propriedade³¹¹.

Quando se pergunta a alguém de quem é alguma coisa (*tii engü igei?*) a resposta que frequentemente recebemos é que “é de fulano” (*fulano engü*), ou então que fulano é *X-oto*, onde X é a coisa possuída. A posição de *oto* surge quando existe um terceiro elemento na relação, além do dono e de sua coisa, que pode ser um outro individual (uma pessoa que faz a pergunta, ou que solicita a coisa para si) ou um outro coletivo (quando um chefe aparece como *oto* de sua aldeia frente a outros chefes, por exemplo³¹²). *Intsü*, por sua vez, se utiliza para falar sobre alguém que é responsável por algo, que cuida de alguma coisa e, portanto, mais especificamente de uma relação entre dois termos. E isso vale tanto para as coisas “individuais” quanto para as *coisas da comunidade* que também possuem um dono, alguém que fica responsável por seus cuidados. Assim, por exemplo, é o *primeiro cacique* que é o dono dos barcos, motores e de um dos rádios *da comunidade*, mas o gerador, o trator e mesmo a escola e o posto de saúde possuem outros donos. São essas pessoas que devem cuidar do objeto, garantindo sua conservação, o que implica em controlar a forma como são utilizados e também realizar as atividades técnicas e mecânicas que estejam a seu alcance e que contribuam para o pleno funcionamento dos equipamentos. Em geral os custos dessa manutenção são arcados pela associação de Aiha, mas eventualmente seus donos acabam contribuindo com pequenas quantias (provenientes de seu dinheiro *patikula*) para adquirir peças ou insumos necessários para seu funcionamento. Ao olharmos mais detidamente para essas *coisas da comunidade*, podemos perceber que a relação entre os donos e “suas coisas” adquire novas nuances, havendo nesses casos um maior espaço para a manipulação dessas relações e criando diversas situações onde a posse de certas coisas é requerida ou questionada pelas pessoas envolvidas na relação.

E foi precisamente às voltas com o evento “copa do mundo de futebol” que pude perceber de forma mais clara muitas dessas questões. O interesse dos Kalapalo no evento (que durou 30 dias, entre os meses de junho e julho de 2014) mobilizou toda a aldeia, levando a maior parte das pessoas a reorganizarem suas atividades nos dias de jogos (tanto nos jogos amistosos antes do evento, mas de forma mais generalizada durante o evento) para que não coincidisse com os horários dos jogos (não só, mas principalmente os que envolvessem a seleção brasileira); as mulheres passaram a frequentar as roças antes dos jogos e os homens iam pescar somente depois que os jogos terminavam. Além disso, houve uma grande mobilização para viabilizar a transmissão dos jogos, considerando que a energia

³¹¹ Agradeço a Antonio Guerreiro Jr. (comunicação pessoal) por seus comentários a esse respeito.

³¹² Sobre essa relação, ver Guerreiro Jr. (2012).

elétrica da aldeia é provida por um gerador *da comunidade*, movido a gasolina³¹³, e que provê energia para todas as casas da aldeia que estão interligadas por uma fiação providenciada pelo *dono* pelo gerador, um dos professores da aldeia. Em dias “normais”, é comum que o gerador fique ligado apenas algumas poucas horas, quando há combustível disponível para isso. Isso porque a quantidade de combustível necessária para seu funcionamento é muito alta, considerando a quantidade de equipamentos eletrônicos e eletrodomésticos que estão ligados à rede, o que faz com que sua utilização seja bastante cara.

Apesar de o uso do gerador ser compartilhado, o seu abastecimento é feito de forma *particular*: quem dispõe de gasolina e tem interesse em ligar o gerador (em geral para assistir a algum programa específico de televisão ou então para usar algum equipamento eletrônico específico) entrega o combustível ao *dono* do gerador que o liga. AS fontes de renda *patikula* na aldeia são bastante distintas, mas de certa forma, generalizadas, incluindo alguns assalariados que são os que possuem as maiores rendas – contratados como professores, agentes de saúde, por exemplo –, aposentados e pessoas que recebem renda por meio de programas federais e estaduais de transferência de renda. Não pretendo entrar nessa discussão agora, apenas apontar que, em função da grande diferença de valores recebidos e do fato de existirem muitas pessoas que não possuem nenhum tipo de fonte regular de renda, os assalariados acabam sendo os principais responsáveis por ligar o gerador, mas não são os únicos que o fazem, e não fazem com a mesma regularidade sempre (alguns contribuem mais do que outros). Em dias “normais” o gerador fica ligado por cerca de 2 horas (consumindo algo como 3 litros de gasolina), uma média que normalmente aumenta em dias de jogo de futebol dos campeonatos nacionais, por exemplo. Além desse *gerador da comunidade*, algumas casas possuem geradores *particulares* que são utilizados eventualmente. Seus donos optam por esses geradores quando o gerador *da comunidade* não esteja funcionando ou quando precisam de energia e possuem pouco combustível disponível e ninguém abasteceu o gerador *da comunidade*. Mas seu uso frequente é mal visto pelas pessoas, pois é considerado egoísmo da parte de seu *dono*. Assim, as pessoas se empenham para garantir o funcionamento do gerador *da comunidade*, mesmo sendo donas de geradores *particulares*.

Se em dias de jogo o consumo aumenta muito, durante a copa não foi diferente. Prevendo a dificuldade no abastecimento do gerador durante a copa, alguns homens da aldeia organizaram uma mobilização para fazer uma “vaquinha” para comprar de combustível “para a copa”: a intenção era

³¹³ Esse gerador foi dado à *comunidade* por uma equipe de filmagem, como parte do pagamento pelo registro de um ritual há alguns anos atrás.

arrecadar dinheiro suficiente para comprar combustível para assistir a todo o evento (o que foi estimado em cerca de 250L, por um dos idealizadores da “vaquinha”, além do óleo, necessário para o funcionamento do motor do gerador). A mobilização ganhou grandes proporções e envolveu praticamente todos os homens da aldeia (além de mim e do outro antropólogo que trabalha com os Kalapalo e que nem estava na aldeia), que contribuíram com quantias que variaram bastante. De forma geral, os assalariados contribuíram com valores maiores do que os não assalariados, considerando que também são eles que possuem a maior quantidade de eletrodomésticos que consomem muita energia (como é o caso dos *freezers*). Os organizadores da viaquinha tentavam convencer as pessoas que ainda não haviam contribuído ou aquelas que já haviam, a contribuírem com valores maiores dizendo que “todo mundo usa o gerador pra carregar a bateria do celular e da lanterna” e que, portanto, todas as pessoas da aldeia deveriam contribuir. Até mesmo o dinheiro da merenda foi utilizado para complementar a “vaquinha”. Mas o dinheiro que conseguiram juntar foi bastante aquém do que imaginavam ser o ideal: apenas o suficiente para comprarem 130L de combustível e mais alguns frascos de óleo. Esse combustível foi suficiente para assistir apenas aos primeiros 10 dias do evento, que foi composto por 64 jogos, distribuídos em um período de 30 dias. Apenas a título de ilustração, somente no dia de abertura dos jogos, para assistirem à festa de abertura e ao primeiro jogo, foram consumidos 10,5L de combustível. Apesar dos protestos de algumas pessoas que diziam que “a gasolina ia não ia durar [até o final dos jogos]”, o gerador era ligado em todos os jogos, indiferentemente dos times envolvidos. E foi assim até que efetivamente o combustível acabou, muito antes do final do evento.

Essa lógica de utilização do combustível (usar tudo até acabar) não difere da forma como os Kalapalo fazem a gestão de outros recursos, como comida ou mesmo dinheiro. A diferença nesse caso é que o combustível era *da comunidade* e, portanto, precisava ser consumido *pela comunidade*. A fala de alguns homens de que o combustível acabaria muito rápido não provocou nenhum efeito no sentido de “economia” de gasolina, pois qualquer pessoa que sentisse *vontade (iti)* de assistir a qualquer jogo cobrava do *dono* do gerador (a pessoa *responsável* pelo gerador *da comunidade*) que o mesmo fosse ligado, o que aconteceu em todos os jogos até o fim dessa gasolina.

Depois que esse combustível acabou o gerador voltou a ser ligado utilizando a lógica do *patikula*: quem tivesse combustível disponível e interesse, abastecia o gerador. Essa mudança significou uma redução do tempo em que o gerador ficava ligado. Ao invés de assistirem a todos os jogos inteiros, muitas vezes o gerador era ligado somente na metade do segundo tempo dos jogos considerados “menos importantes” pelos Kalapalo (envolvendo seleções “menores”), apenas para

poderem “ver o resultado” dos jogos. Somente os jogos de “grandes seleções” eram assistidos em sua íntegra.

A situação se complicou um pouco quando, no final da primeira fase do evento (fase “de grupos”), que concentrou a maior parte dos jogos, e justamente no dia de um dos jogos da seleção brasileira, o gerador *da comunidade* quebrou. Ele já vinha falhando há algum tempo, mas sempre com alguma possibilidade de “conserto” (em geral, “remendo”, utilizando os materiais e ferramentas disponíveis na aldeia) pelo rapaz que é considerado o mecânico da aldeia. Mas dessa vez não teve conserto e o gerador não pôde mais ser utilizado até o final da copa, quando foi enviado para a cidade para ser consertado. Assim que o gerador *da comunidade* deixou de funcionar começaram alguns comentários sobre a necessidade de os *donos* de geradores *particulares* “liberarem” seu uso para que as pessoas pudessem assistir aos jogos, acompanhados de reclamações de que os *donos* desses geradores “não emprestam os geradores para a *comunidade*”. Os *donos* desses geradores, todavia, justificam que “não emprestam o gerador porque se acontece alguma coisa não é a *comunidade* que vai pagar pelo conserto”. Mas nesse caso, como não se tratava (apenas) de emprestar o gerador, mas sim de suprir a própria *vontade* de assistir aos jogos, os geradores *particulares* foram utilizados para assistir a todos os demais jogos, até o final da copa, sendo ligados, muitas vezes, concomitantemente (existiam 3 geradores *particulares* em funcionamento naquele momento). Para assistir aos jogos, as pessoas de toda a aldeia se reuniam nas poucas casas que tinham um gerador ou em casas cujos *donos* foram autorizados pelos *donos* dos geradores a “puxarem um fio” de energia dos geradores para o funcionamento de seus televisores.

A escolha de para qual casa ir assistir aos jogos não era aleatória e passava, em geral, pela proximidade (em termos de parentesco) com os moradores da casa onde estavam ocorrendo as transmissões dos jogos. Esse tipo de escolha se deve ao fato de que a relação entre parentes próximos³¹⁴ pressupõe que as dídivas devam circular sem a exigência de nenhum tipo de pagamento em troca (*ijatitselü*), ou seja, sem criar uma sensação de endividamento ou de vergonha. É a mesma razão pela qual “para irmão não se paga” quando este realiza algum tipo de atividade de colaboração, o que não aconteceria se não se tratasse de um parente próximo. Claro que na ausência de um parente próximo na casa de quem assistir aos jogos, as pessoas acabavam optando por alguma das casas de

³¹⁴ Guerreiro Jr. (2008) analisou essa categoria em seu trabalho e a define como “[...] uma categoria amplamente variável, mas que em geral se restringe aos germanos verdadeiros, primos paralelos, primos cruzados de primeiro grau e parentes de mesma geração co-residentes de Ego” (idem: 53, nota 69). Inclui nessa lista ainda, os pais, filhos e parentes consanguíneos, matri ou patrilaterais das gerações +1 e -1.

forma mais ou menos aleatória, considerando a proximidade física da casa, ou mesmo a qualidade da imagem da televisão ou de espaço para se acomodarem durante o jogo. Em resumo, as pessoas conseguiram assistir aos jogos finais da copa, esgotando com todos os estoques *particulares* de combustível da aldeia, o que significou inclusive a necessidade de esvaziar os tanques de parte das motos da aldeia. E, a despeito de todos esses esforços, o resultado não poderia ter sido pior: a derrota do Brasil por 7 a 1 para a Alemanha foi razão de grande tristeza para muitas pessoas, que reproduziam as análises feitas por comentaristas da televisão e exclamavam coisas como “o Felipão é muito ruim” ou “isso aconteceu porque os jogadores fizeram sexo”, o que é tema para outro momento.

Pensando apenas na relação entre as *coisas da comunidade* e o *patikula*, o que parece estar em questão para os Kalapalo são precisamente as relações entre dádiva e dívida. Pedir alguma coisa a alguém (*uinha*, lit. “para mim”) implica em se colocar na posição de receptor e, conseqüentemente, de devedor em relação ao *dono* da coisa solicitada. Podemos perceber melhor isso ao olhar para o caso do *primeiro cacique* da aldeia. A posição de *cacique (anetü)*³¹⁵ é uma posição de prestígio ocupada por filhos e netos de antigos *anetü*, e envolve diversas atividades rituais e de representação dos Kalapalo frente a outros grupos indígenas e ao Estado. O tema já foi bastante e muito bem explorado por Guerreiro Jr. (2012) e não vou recuperá-lo inteiramente aqui. Vou apenas apresentar de forma breve alguns elementos que caracterizam a chefia xingwana, relacionados ao acesso e controle de bens e recursos.

Os chefes kalapalo podem ser pensados como “pessoas magnificadas” (conforme descritos por Fausto (2008)), na medida em que englobam um conjunto de relações que compõem “a *comunidade* Kalapalo”. São esses chefes que se mostram como a personificação dessa *comunidade* e são, nesse sentido, os mediadores das relações dessa *comunidade* com outros sujeitos, sejam eles indígenas ou não indígenas, sujeitos individuais ou coletivos. E é disso que estou falando quando trato do acesso e do controle a bens e recursos. Se os chefes são esses mediadores, as *coisas da comunidade* necessariamente devem passar por essa mediação, passando também a compor essa pessoa magnificada. Mas isso não significa dizer que os *caciques* (especialmente o *primeiro* e o *segundo*)

³¹⁵ Segundo Guerreiro Jr. (2012: 21, nota 1), *anetü* é uma “palavra nominal formada a partir da raiz *ane* (“chefe”, ou “chefia”), acrescida do nominalizador *-tü*. O termo *anetü* pode ser pensado como uma forma substancializada, concreta, da ideia de chefia (uma “forma-chefe”). Traduzo aqui como “cacique” pois é a forma como os próprios kalapalo fazem a tradução. Sobre a relação de hierarquia entre os caciques (primeiro, segundo e terceiro), ver Guerreiro Jr. (idem).

sejam os *donos* de todas essas coisas. Além dos dois *caciques de verdade* reconhecidos por todos da aldeia, há diversos *caciques pequenos*, em geral, jovens que estão começando a assumir funções de chefia e representação e que estão sendo preparados para assumirem as posições de *cacique*. O que acontece é que, assim como há uma dispersão dessa figura de chefia, há uma dispersão das *coisas da comunidade* entre essas pessoas, que ficam *responsáveis* por itens que vão desde as bolas e uniformes do time de futebol, passando pelos medicamentos, e pelo trator. Mas quanto mais “valioso” (*tihipükoinhü*) o bem, mais próximos da parentela dos *caciques de verdade* são seus *responsáveis*.

Apesar de concentrarem em sua parentela as *coisas da comunidade*, o mesmo não ocorre com as coisas *particulares*. A casa do *primeiro cacique* é uma das casas que possui a menor quantidade de mercadorias industrializadas. Moram na casa desse cacique, atualmente, oito pessoas, das quais um filho assalariado (contratado como professor) e uma filha beneficiária do Bolsa Família (mãe de uma criança de poucos meses, cujo pai fugiu com outra mulher em meados de 2014). O próprio *cacique* já foi beneficiário do Bolsa Família, mas teve seu benefício cancelado há mais de um ano atrás, sem saber explicar a razão. Me contou que “foi várias vezes para a cidade para resolver isso, mas não resolveu” e acabou desistindo do benefício – a despeito dos protestos de sua esposa – aguardando agora completar a idade necessária para poder entrar com um pedido de aposentadoria junto ao INSS o que, segundo ele, ocorrerá no próximo ano (sua esposa deve entrar com pedido de aposentadoria até o final de 2014).

Nessa casa existe uma única televisão, que é bastante velha, “pequena” e “com a imagem feia” – já que não possui receptor de imagem digital –, uma moto, que foi comprada pelo cacique para seu filho, utilizando o dinheiro da venda de um colar de caramujo, somado às suas economias de valores de diárias recebidas para participar de reuniões na cidade, além de um gerador, que foi comprado por seu outro filho, que mudou de aldeia recentemente, para morar na aldeia de seu sogro. O restante dos objetos não indígenas “de valor” existentes na casa são coisas que são *da comunidade*, mas que ficam sob a responsabilidade do cacique, como é o caso de um rádio e da placa solar utilizada para seu funcionamento, além da própria antena parabólica utilizada para o funcionamento da televisão. Não terei tempo aqui para analisar essa questão a fundo, mas considero que não seja à toa que seja essa a situação do *primeiro cacique*. Ao tratarem das coisas *da comunidade* – sempre objetos industrializados –, os Kalapalo forjam (no sentido positivo e produtivo de termo) *a comunidade*, cuja personificação só pode ser possível por meio da figura dos *caciques*. Se, nessa situação, a relação se estabelece por meio da lógica da dádiva, quando se trata das coisas *particulares*, parece haver uma mistura entre a lógica

da dádiva e da mercadoria, conforme podemos perceber no breve relato que faço de outro caso ocorrido durante a copa do mundo.

No dia de um dos jogos da seleção brasileira, ao retornar do banho, já bem próximo do início do jogo (e isso antes de o gerador *da comunidade* se quebrar), reparei que as crianças da minha casa estavam brincando com umas bexigas, verdes e amarelas. Achando curioso o fato, perguntei ao meu anfitrião se ele havia trazido as bexigas da cidade, já que ele tinha retornado de um evento em Brasília há poucos dias. Ele me disse que não, que um rapaz – que nunca vi visitar essa casa – havia passado na casa há poucos minutos *vendendo* as bexigas, em troca de sabonetes, por causa do jogo. No mesmo dia, no intervalo do jogo, um outro rapaz – que também nunca frequenta essa casa – passou *vendendo* porções de frutas do cerrado que havia coletado. Como no caso anterior, o *pagamento* foi feito com sabonetes. A estratégia foi tão bem avaliada por meu anfitrião, um jovem professor que tem *um sonho* de abrir uma loja de roupas em Canarana, que combinou com o marido se sua irmã que mora em sua casa de *vender* pipoca no próximo jogo na seleção brasileira. No dia do jogo, então, mobilizou seu irmão mais novo para fazer a pipoca que foi acondicionada em uma caixa térmica e colocada sobre uma bicicleta cargueira e conduzida por seu cunhado que passou de casa em casa *vendendo* um copo de pipoca ou de suco em troca de um sabonete. O rapaz se paramentou com chapéu, como fazem os vendedores de picolé em Canarana, e carregou consigo uma criança para cumprir a função de *segurança* e impedir que as pessoas pegassem pipoca sem pagar. Retornou com a caixa de pipoca vazia e com as sacolas que havia levado para colocar os sabonetes, cheias³¹⁶. Mais curioso do que o “pipoqueiro”, todavia, foi a distribuição do *pagamento*, posteriormente. Todos os sabonetes arrecadados foram entregues ao idealizador da ação (o *dono* da casa e da pipoca) que separou pequenas porções para entregar a suas irmãs e a seu cunhado (que foi quem efetivamente *vendeu* a pipoca). Mas a quantidade de sabonetes entregues como *pagamento* pelo trabalho de seu cunhado foi inferior ao esperado por ele, pois a avaliação do *dono* da pipoca foi de que parte da pipoca havia sido consumida sem que houvesse pagamento. O cunhado, que não podia reclamar por sua posição de afinidade, apenas se justificou dizendo que as pessoas pegavam a pipoca direto da caixa térmica, ficando difícil controlar as quantidades e os pagamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

³¹⁶ Algumas pessoas que não tinham sabonetes para *pagar* ofertaram anzóis.

Meu espaço está se esgotando e, apenas a título de conclusão, creio ser possível perceber um movimento dos Kalapalo no sentido de dependerem cada vez menos de coisas *da comunidade* ou que sejam *particulares*, mas de outras pessoas. A intenção das pessoas parece ser sempre querer adquirir coisas que lhes deixem autônomas das outras pessoas – sem precisar ir a outras casas para assistir televisão, ou sem precisar pedir a ninguém para usar barco e motor ou mesmo para tomar algum remédio. E ter *o seu dinheiro patikula* é, atualmente, fundamental para que isso possa ocorrer. E essa espécie de “individualização” – quase uma “reciprocidade negativa”, como definido por Sahlins (1972) – não é uma novidade: um dos professores relatou que antigamente as aldeias passavam a maior parte do ano vazias, já que as famílias ficavam em seus sítios (casas improvisadas, construídas em locais muitas vezes distantes das aldeias, mas próximos das roças). Segundo ele, as pessoas se reuniam nas aldeias apenas durante o período em que ocorriam rituais que são, em sua maioria, realizados ao redor da imagem de grandes chefes.

O que pretendo dizer com isso é que quando tratam da *comunidade* ou do *patikula* os Kalapalo não estão falando exatamente de “propriedades particulares” e muito menos de “propriedades coletivas”. O que está em questão nesses conceitos, são diferentes possibilidades de agenciamento das relações entre as pessoas e as coisas e distintas possibilidades de mobilização dessas relações que, em geral, se emaranham em relações de parentesco. Mas isso também é tema pra outro momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAUSTO, Carlos. 2008. “Donos demais: maestria e domínio na Amazônia.” *Mana*, 14: 329–66.
- GUERREIRO JR., Antonio R. 2008. “Parentesco e aliança entre os Kalapalo do Alto Xingu”. Dissertação de mestrado, São Carlos: USFCar.
- . 2012. “Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia kalapalo e seu ritual mortuário”. Tese de doutorado, Brasília: UnB.
- SAHLINS, Marshall. 1972. *Stone Age Economics*. Chicago: Aldine.